ESOCITE.BR
14, 15 e 16 de Outubro
Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza CCMN/UFRJ
RIO 2015
VI SIMPÓSIO NACIONAL DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE
ESOCITE.BR / TECSOC

DO FORA DA IMAGEM, DA IMAGEM DO FORA – POR UMA ONTOLOGIA DAS IMAGENS VIRTUAIS

Igor Dreidy de Sousa Moraes[1]

Que pode uma imagem? Partindo dessa pergunta com tantos ecos e ressonâncias, propomos uma reflexão, teórica e metodológica, das imagens virtuais enquanto *constructos*, ou coisas. Como dizia Marcel Duchamp[2] sobre o objeto estético, coisas que escapam dos grilhões da representação. Intenta-se colocar em relevo modos de pensar a imagem como *pura diferença*, *escapando* do caráter des-potencializador, outorgado por uma crítica "apocalíptica" das imagens, na era de sua (re)*produtibilidade virtual*. Pensarmos o estatuto da imagem virtual contemporânea - suas práticas, seus modos de existência, a heterogeneidade de seus modos de acontecimento - sugere um ponto central ('central de cálculo' diríamos com Latour (2000)) para reflexão de um tríptico ético-estético-ontológico.

Da *imagem impossível* da fotografia, como aventou Barthes (2012), à *imagem-conceito* de Flusser (2011) ou, ainda, da *rasgadura* da imagem, como conjectura Didi-Huberman: "(...) estamos diante da imagem como diante de um limite escancarado, um lugar que se desconjunta." (2013, p.294). Tal percurso nos leva a refletir sobre o estatuto possível para uma ontologia da imagem virtual: variável, nômade, furtiva. Preenhe de devires e potências *in-visíveis, in-audívies e a-significantes*, das imagens virtuais que *co-habitam* o território dos suportes-planos-redes digitais da cibercultura. Seguindo a reflexão de Deleuze (1992) sobre uma certa *ditadura da representação*, ou ainda, na trilha de Blanchot (2011) e seu conceito do *fora*. Pensando o fora a partir do fazer literário, não como um decalque do "real"; mas, sobretudo, como um "Outro" em

[1] Mestrando em Antropologia Social/PPGANT-UFPI. Co-líder do grupo SCIMTECH/UESPI; Realiza pesquisa em Antropologia da Técnica, Cibercultura e Imagem Virtual.
< igor.drey@gmail.com >

[2] CABANNE, Pierre. **Marcel Duchamp:** engenheiro do tempo perdido. São Paulo, Perspectiva, 2012.

sua alteridade potencial e não relativa. Em síntese, como fuga da ordem da imagem-representação, tencionamos construir uma superfície das imagens virtuais como "mapas de intensidades" – *Imago e Socius.*

Nesta proposta, pensar uma *imagem do fora* ou um *fora da imagem* nos leva à uma *disjunção inclusiva* no que se refere à um jogo entre a fotografia e a imagem, entre inteligibilidade e ininteligibilidade, por fim entre "real" e "simulacro". Todavia, e para destacar o centro do argumento, vale ressaltar a "operação" ou ainda os modos de "inscrição", como refere Latour (2013), de tais imagens; menos como imagens – no sentido lato – e mais como objetos ou coisas que atravessam e são transpassadas por toda sorte de agenciamentos e fluxos - mais uma vez, éticos, estéticos e ontológicos. A partir da produção imagética no ambiente cibercultural, mais precisamente na rede social virtual Instagram, refletimos sobre algumas das múltiplas significações possíveis no movimento, no meio, no *entre*. Uma espiral disparatada em que não só a "representação" de um "real" (significante despótico) é colapsada, mas sobretudo os processos de significação são borrados, atropelados, esticados, levado aos seus limites. Significante fora dos seus gonzos (para lembramos a fórmula shakespeariana sobre o tempo), significado sempre contingente – um *fora-da-imagem*, uma *imagem nômade*, uma *imagem-do-fora.*

Uma experimentação política, social e existencial (GUATTARI, 1990). Um *pensar-outro*, dinâmica rizomática *per si* em que a máquina linguística não alcança o "indizível" das imagens como diria Deleuze (2011). Experimentação como modo possível de *fugir* de um jogo interminável de *re-conhecimento* imutável do "dado" já "dado", tautologia essencialista, ou ainda, da repetição *segura* da imagem de um "real" sedimentado.

A Antropologia, seguindo Roy Wagner (2012), deve proceder com consciência da contradição, da multiplicidade, da diferença enquanto diferença, esquecendo por um momento *nossos* métodos comparativos, *nossas* projeções universais, *nossa* gramática (ou nosso Deus, como dizia Nietzsche), para assim não esvaziar os modos de invenção dos outros povos, das outras culturas, das outras naturezas. Deleuze (1997), com Beckett, diria: é preciso esburacar as palavras, para ver o que está escondido, ainda com

Roy Wagner diríamos: é preciso esburacar a Antropologia para revelar seu reversos, anversos e inversos. *Corpus-Imago-Socius;* Não imagens justas, justo imagens.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara:** Notas sobre a Fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BLANCHOT, Maurice. **O Espaço Literário.** Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. **Crítica e Clínica.** São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. Lógica do Sentido. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs** – Capitalismo e Esquizofrenia, Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da Imagem.** São Paulo: Ed.34, 2013.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta:** Ensaios para uma futura filosofia da caixa preta**.** São Paulo: Annablume, 2011.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias.** Campinas, SP: Papirus, 1990.

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação:** Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 2000.

LATOUR, Bruno. **Redes que a Razão desconhece:** Laboratórios, Bibliotecas, Coleções.IN: PARENTE, André (org.). **Tramas da Rede:** Novas Dimensões Filosóficas, Estéticas e Políticas da Comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2013.

WAGNER, Roy. **A Invenção da Cultura.** São Paulo: Cosac Naify, 2012.

ESOCITE.BR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS SOCIAIS DAS CIÊNCIAS E DAS TECNOLOGIAS

14, 15 e 16 de Outubro
Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza CCMN/UFRJ

RIO 2015
VI SIMPÓSIO NACIONAL DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE
ESOCITE.BR / TECSOC